

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

TEREZINHA SOLANGE BORGES SILVEIRA DE MATOS

Resistências e desafios na abordagem escolar de temáticas da história africana e afro-brasileira numa experiência de estágio em pedagogia

**Porto Alegre
2010**

TEREZINHA SOLANGE BORGES SILVEIRA DE MATOS

Resistências e desafios na abordagem escolar de temáticas da história africana e afro-brasileira numa experiência de estágio em pedagogia

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em Curso
de Graduação em Pedagogia–
Licenciatura pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientador (as):

Prof^a Carla Meinerz

Prof^a Márcia Stormowski

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann
Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion
Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll
**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

FICHA CATALOGRÁFICA

Dedico este trabalho a todos os professores, colegas do Curso de Graduação em Pedagogia e aos meus alunos, pois cada um me motivou a sua maneira a conceber um novo e amplo olhar sobre a educação.



Como Negro

Paulo Ricardo de Moraes *

O negro é como um remo
enfrentando a maresia
enverga, entorta e não quebra
transforma a vida num dia
é o mar em céu aberto
é a imensidão vadia.

O negro é como uma folha
que responde a ventania
balança, dança e não morre
tem a briga por mania
é lindo que só o tempo
e feito de poesia.

O negro é uma folia
de dores e sentimentos
é corpo velho salgado
é jovem querendo vento
é busca de liberdade
em canto, guerra e lamento.

*** Paulo Ricardo de Moraes é escritor e Jornalista**

RESUMO

Partindo do estágio, que serviu como base e apoio, o qual foi realizado entre abril e maio de 2010, feito com alunos do 4º ano do ensino fundamental, turma esta com a qual ainda continuo a trabalhar. Pretende-se colocar neste trabalho de pesquisa os objetivos almejados durante o estágio, contar das dificuldades, ansiedades e realizações vivenciadas ao trabalhar o tema da afrodescendência dos alunos. Não busquei esse tema sem um motivo concreto, visto que todos os meus alunos são afrobrasileiros e como tal, tem o direito garantido por lei de saber de sua origem.

Ao falar em dificuldades, refiro-me ao fato de que mesmo sendo eles de origem africana, desconhecem tal condição étnica, e têm certa dificuldade de aceitarem-se como tal, tornando-se de fato negros. Quando falo negros, não me refiro somente à questão da cor de sua pele, bem como, é claro, a questão de sua origem étnica, já que entre meus alunos tenho alguns com a pele mais clara, filhos da junção interétnica. Portanto, por este fato não reconhecem sua descendência negra, acreditando então serem totalmente brancos, pois em sua concepção se sua pele é clara ele não é negro. Desta forma acham-se no direito de pensarem-se melhores que os demais colegas, como se a cor da sua pele fosse pressuposto de superioridade.

Então, a partir do presente trabalho tenho por finalidade relatar a realidade de crianças afrobrasileiras, que desconhecem tal condição, alunos do 4º ano do ensino fundamental de nove anos; mostrar o preconceito e a baixa autoestima que o mesmo pode causar quando praticado tanto fora como dentro do ambiente escolar, exponho neste trabalho as vivências do nosso dia a dia em uma pequena escola situada na zona rural do município de Três Forquilhas.

A realização deste trabalho fundamenta-se a partir de algumas leituras realizadas por mim, entre elas: Felicidade Não tem Cor (Julio Emílio Bráz, Editora Moderna); Tornar-se Negro (Neusa Santos Souza); Diferenças e

Preconceito na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas (Júlio Gropa Aquino); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; Cultura Negra na Sala de Aula; Pode um Cantinho de Africanidades elevar a autoestima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas? (Valéria Aparecida Algarve), Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Palavras-chave: **1. Preconceito. 2. Autoestima. 3. Relações interpessoais.**

ABSTRACT

From my internship, and he as a base and support, conducted between April and May 2010, made with students of 4th year of elementary school. This class that I still work. I plan to put this research work, the goals we longed for the stage, after the difficulties, anxieties and achievements that have had the opportunity to experience the work the subject of afrodescendência of my students. I sought this issue without a concrete reason, since all of my students are Afro-Brazilians and as such has the right guaranteed by law to know their origin.

When speaking of the difficulties, I am referring to the fact that even though they are of African origin, ethnic unaware of such a condition, and had some difficulty accepting themselves as such becomes in fact black. When I say black, I mean not only the question of the color of their skin, and of course the question of their ethnic origin, since some of my students have with lighter skin, joint inter-ethnic children. So by this fact does not acknowledge his black ancestry, then believing they are completely white, for in his design if your skin is clear he is not black. This way they think is right to think themselves better than the other fellow, as if the color of their skin was the assumption of superiority.

Then starting from this work I intended to report the reality of children Afro-Brazilian, who are unaware of this condition, students in the 4th year of elementary school for nine years, to show prejudice and low self-esteem that it can mean when practiced both inside and outside the school environment, this work expose the experiences of our day to day school situated in a small rural town of Three Forks.

This work is based from some reading done for me, they are: Happiness No Color (Julio Emilio Braz, Editora Moderna) Becoming Black (Neusa Santos Souza) Differences in School and Prejudice, Alternative Theoretical and Practices (Grope Julio Aquino); National Curriculum Guide for the Education of Racial-Ethnic Relations and the Teaching of History and Afro-Brazilian and African, Black Culture in the Classroom: Can a Corner Africanity raise self-

esteem of children Black and improve the relationship between whites and blacks? (Valéria Aparecida Algarve), Law No. 10,639 of January 9, 2003.

Keywords: 1. Prejudice. 2. Self-esteem. 3. Ethnic Relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 REFERÊNCIAS TEÓRICAS.....	15
2 A DIFICULDADE DE ACEITAÇÃO DESDE A MAIS TENRA IDADE.....	19
3 A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA PROMOVENDO O AUMENTO DA AUTOESTIMA.....	22
4 A COR DA PELE NÃO NOS FAZ MELHORES OU PIORES DO QUE OS OUTROS.....	26
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

“QUAIS AS RESISTÊNCIAS E OS DESAFIOS ENCONTRADOS NA ABORDAGEM DE TEMÁTICAS AFRICANAS NUMA TURMA COM A MAIORIA AFRO-BRASILEIRA?”

O interessante nesta pergunta é que ela buscará responder dúvidas e inquietações que fazem parte de “nosso” cotidiano escolar, meu e de meus alunos.

O principal fator que motivou esta pesquisa que se caracteriza pela análise da experiência do estágio foi a dificuldade de encontrar uma maneira pela qual eu conseguisse introduzir em minhas aulas a questão do preconceito sofrido pelos negros sem que forçasse uma situação. A forma como temos medo de falar sobre o preconceito em sala de aula, fingindo que ele não existe ou está longe de nossa realidade e, portanto, da sociedade da qual fazemos parte, é uma atitude muito utilizada como meio de camuflar uma situação desconfortável tanto para nós como para quem o preconceito é direcionado.

De acordo com Itani:

O que dizer de nossas práticas escolares em relação ao preconceito? Não se pode afirmar que temos uma vivência com a tolerância e o preconceito em nossa prática escolar. É certo que falar em preconceito, em realidade, tornou-se um tema, um tabu. A escola sempre foi considerada uma instituição de seleção e diferenciação social e nos comportamos como se isso não existisse. Com isso, estamos sempre em situações de fragilidade, de estar "pisando em ovos" na prática escolar, sem podermos romper com isso é fato que não se pode negar a seletividade que está presente na prática institucional escolar e, por vezes, de caráter elitista. ITANI (1998, p.120)

Esse medo e essa dificuldade de falar sobre a história e a cultura afrobrasileira se apresentaram para mim como um obstáculo, pois meus alunos são todos afrobrasileiros. Já o segundo obstáculo que a mim se apresentou foi o de não ter um planejamento didático pedagógico voltado para as peculiaridades que meus alunos apresentavam, aliás, o mesmo acontece em

muitas das cidades brasileiras onde, apesar de termos a Lei 10.639/2003 que estabelece o currículo obrigatório através do conteúdo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana grande parte dos estados e municípios ainda se omitem quanto à aplicação destes conteúdos paralelamente às outras disciplinas do currículo.

Cito abaixo um texto retirado do meu portfólio de aprendizagem desenvolvido durante o estágio, o qual fala sobre os motivos que me levaram à troca ou mistura de temas.

A Princípio iniciei o meu estágio focalizando principalmente na afrodescendência de meus alunos. No entanto, percebi que eles não demonstravam muito interesse pelo assunto, talvez por sentirem o preconceito muito próximo, já que este existia até dentro da sala de aula entre eles mesmos. O fato do preconceito entre eles se mostrar tão evidente levou-me então a escolher outro tema para meu estágio, tema este que depois possibilitaria retomar o tema da afrodescendência novamente. Passei então a trabalhar a Copa na África do Sul, pra mim era um meio de mostrar suas raízes de forma mais branda e agradável usando o futebol, um esporte que eles adoram, este seria o veículo para abordar a questão de sua raça.

Então surge uma pergunta feita por minha aluna Érica: - Professora, é verdade que os negros vieram da África do Sul? Esta então foi a pergunta principal, a qual propiciou muitas atividades significativas em torno do assunto afrodescendência, levando-os a descobrirem que devem ter orgulho da cor de sua pele, de seus cabelos crespos e de seu incomparável talento e cultura.

Desta forma haveria de achar um meio de falar sobre o tema, mas como falar sem parecer preconceituoso? Como me expressar sem magoá-los? Como mexer em cicatrizes constantemente abertas pela sociedade usando um método alternativo? Tinha que descobrir uma maneira que o assunto em questão ficasse menos doloroso, pois querendo ou não, não temos como negar a brutalidade a que os negros foram e continuam sendo submetidos até os tempos de hoje, e a vergonha, sim a vergonha de ter que falar de uma questão tão delicada, da barbárie cometida ao longo dos séculos de escravidão. Contando o tempo de “captura”, quando o povo africano se viu arrancado do seio de sua mãe África até os dias atuais submetidos ainda a tanta

desigualdade e exclusão, pois se temos um mínimo de consciência sabemos o quanto é desconcertante levantar um assunto tão desagradável e brutal.

Foi quando me ocorreu que estávamos às portas de uma Copa do Mundo, e o que é melhor ainda na África do Sul, o berço da humanidade, pareceu-me uma boa idéia aliar o tema Copa com a questão racial, principalmente por meus alunos adorarem futebol e este ser em nossa escola um esporte praticado tanto por meninos quanto por meninas.

Então como vivenciei esta dificuldade em sala de aula, decidi por meio deste trabalho me interar mais do assunto preconceito X autoestima, buscando desta forma conseguir um suporte maior para o meu dia a dia como professora em uma escola com a maioria afrodescendentes que têm dificuldades em aceitar-se como tal.

Para dar suporte ao meu trabalho, me conduzindo de fato a apropriação destes conhecimentos pretendo me apropriar de leituras de alguns valorosos autores, valentes e destemidos, que tomaram a frente neste assunto delicado, porém necessário, já que é através destes a única chance que a sociedade tem de realmente mudar, e é através do conteúdo e da discussão obstinada contida nestes textos que temos a verdadeira dimensão do preconceito e do racismo ao qual são submetidos os negros no Brasil.

Creio que os principais dilemas e discussões acerca do assunto são: a baixa autoestima causada pelo fato da não aceitação de sua condição, a pobreza aliada a esta condição, o preconceito e a discriminação sofridos por conta de sua negritude, entre outras coisas.

CAPÍTULO 1

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Para poder falar sobre o assunto realizei as leituras citadas a seguir:

Felicidade Não tem Cor (Julio Emílio Bráz, Editora Moderna); Tornar-se Negro (Neusa Santos Souza); Diferenças e Preconceito na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas (Júlio Groppa Aquino); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; Cultura Negra na Sala de Aula: pode um Cantinho de Africanidades elevar a autoestima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas? (Valéria Aparecida Algarve), Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. Com esta medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e cultura de seu povo, buscando reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringem à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática. (Lei n.º 10.639/2003)

Todo trabalho de pesquisa é desenvolvido visando o aprofundamento em algum assunto relevante para a pessoa que irá realizá-lo. Este aprofundamento é feito com o intuito principal de se alcançar objetivos que visam melhorar de alguma forma a questão pesquisada. Os objetivos principais que pretendo atingir no trabalho que vou desenvolver são oriundos da seguinte pergunta:

“Quais as resistências e os desafios encontrados na abordagem de temáticas africanas numa turma com a maioria afro-brasileira?”

Estes objetivos serão o de descobrir o porquê da baixa autoestima de alguns dos meus alunos do 4º ano, conhecer e levar a conhecer mais sobre os preconceitos e discriminação sofridos pelas crianças negras tanto no ambiente escolar, bem como fora dele.

Tive também como objetivo no trabalho desenvolvido dentro da sala de aula ressaltar como os afrodescendentes contribuíram e continuam contribuindo em trabalho e multiculturalidade para o desenvolvimento do país, tentando com isso enfrentar e compreender os conflitos oriundos de conceitos pré-adquiridos em torno da raça negra, pois segundo Gomes

O preconceito é um conhecimento prévio e negativo, uma opinião preestabelecida, formada antecipadamente, sem maiores ponderações ou conhecimentos sobre os fatos. Incide sobre os integrantes de um grupo racial, de uma etnia, religião ou sobre pessoas que ocupam outro papel social significativo, incluindo a relação entre grupos humanos e a percepção que as pessoas têm de si mesmas e dos outros (GOMES, 2005, p 55).

Visei a partir das atividades realizadas aumentar a autoestima de meus alunos visto que ela forma-se ainda na infância, e está diretamente ligada às experiências vivenciadas no seio familiar, na escola, no círculo de amigos e na comunidade. Uma criança que é respeitada, valorizada, elogiada e amada certamente desenvolverá sentimentos positivos por si mesma. Já no caso contrário, quando a criança cresce num ambiente hostil, cheio de ambivalências, onde as pessoas a tratam de forma violenta, quando há um abandono (seja ele declarado ou mais sutil), ou ainda simplesmente não alimentam o que há de bom nela, provavelmente entenderá a mensagem de que não é boa suficiente, e isto irá refletir na forma como se colocará no mundo.

Segundo o dicionário Aurélio, autoestima é o “sentimento da importância ou do valor de alguém ou de alguma coisa; apreço, consideração,

respeito.” Portanto, o valor que damos a nós mesmos é denominado autoestima, não depende da aprovação ou dos aplausos alheios, é uma conquista pessoal.

Tendo como base o estágio com uma turma de alunos do 4º ano do ensino fundamental, turma com a qual continuo a trabalhar mesmo depois de encerrado meu estágio pretendo mostrar através deste trabalho de pesquisa as dificuldades, bem como as aprendizagens pelas quais passei ao trabalhar o tema da afrodescendência de meus alunos.

Nesta turma de alunos tenho dois alunos que são filhos de união interétnica, apresentando a pele clara, o que os torna por este fato renegantes de sua parte negra, essas crianças por este fato discriminam seus colegas chamando-os por apelidos racistas, como "macaco", "negrinho", "Jamaica" entre outros, achando-se superiores a seus colegas. Quando constatei esta forma de preconceito em sala de aula fiquei sem chão, pois como iria tratar de um tema tão difícil, ainda mais entre crianças, colegas e vizinhos, pois a maioria mora perto um do outro, sem causar um constrangimento ou até discussões.

Encontrei-me então no dilema de trabalhar a afrodescendência, sem nenhum amparo curricular, já que na minha escola, apesar da maioria dos alunos serem afrodescendentes, não tem um projeto político pedagógico voltado para este assunto, mesmo constando em lei que o estabelece como obrigatório.

“O estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil, bem como os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.” (Lei n.º 10.639/2003)

A lei nº 10.639/03 tornou obrigatório o ensino da História da África e dos afro-brasileiros no ensino fundamental e médio. Reconhecendo a

importância da aplicação da lei na luta contra o racismo para que todos possam se identificar no espaço escolar acredita-se que através de uma proposta pedagógica voltada para a conscientização, o interesse, a valorização da cultura e a identidade negra, precisa começar desde cedo com os pequenos, privilegiando a questão da identidade, da diversidade e auto-aceitação. Muitos desafios se apresentaram nesse trabalho. Devido ao fato dos alunos terem certa relutância ou/e se incomodarem com sua etnia, não se aceitando desta forma como negros. Quando falo "negro" não me refiro somente à cor da pele, bem como à origem étnica que trazem em si, principalmente quando esta não se faz presente através da cor da pele.

A Lei Nº.10.639/03 constitui-se em elemento essencial no processo de construção/reconstrução, conhecimento/reconhecimento e valorização de diferentes perspectivas e compreensões concernentes a formação e às configurações da sociedade brasileira contemporânea, no sentido de desconstruir as significações e representações preconceituosas e racistas que tem se configurado nos conteúdos didáticos e no espaço da escola. (VALENTIM e BACKES, 2007, p.3)

CAPITULO 2

A DIFICULDADE DE ACEITAÇÃO DESDE A MAIS TENRA IDADE

No livro “Tornar-se Negro” a autora Neuza Santos Souza, através de entrevistas com pessoas negras de ambos os sexos, nos mostra a negação e a não aceitação desses sujeitos entrevistados quanto as suas raízes e suas características físicas e biológicas. Essa negação deve-se ao fato das constantes humilhações e violências as quais os negros são submetidos desde sua chegada nesta terra chamada Brasil, onde o estereótipo da beleza é o sujeito branco, dada a esta realidade o negro vê-se então obrigado a ter que se autopreservar e a forma encontrada pra esta autopreservação é a negativa de sua identidade, pois “ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro” (SOUZA, 1983, p. 2). Tomando como ponto de partida este dilema vivido pelos afrodescendentes, o livro nos traz depoimentos de pessoas que vivem uma constante luta para se manterem de pé em uma sociedade preconceituosa e discriminadora, onde o negro para ser respeitado tem que ter dinheiro, tendo dinheiro o negro “embranquece”.

Assim como no livro percebi na minha turma de 4º ano uma baixa autoestima por parte de meus alunos, esta autoestima baixa também é oriunda da situação de pobreza, falta de carinho dos pais, bem como, também, pela sua condição de ser negro em uma sociedade onde somente um dos conceitos citados anteriormente por si só já seria um possível gerador de baixa autoestima, imagine um conjunto de conceitos tendo que ser carregado por crianças que ainda não têm ciência e pouco sabem ainda de como defenderem-se da maldade humana. Pois, segundo eles as pessoas são preconceituosas e não gostam de pessoas negras, têm pouca paciência com elas tratando-as de forma preconceituosa e depreciativa.

Em certo dia durante uma conversa sobre preconceito, perguntei aos meus alunos se já tinham sido vítimas de algum tipo de preconceito por parte de alguém, então a aluna E, respondeu-me que o motorista do escolar não gostava de negros, pois em uma determinada ocasião uma menina negra estava demorando a entrar no ônibus e ele então falou pra ela “ligeiro negrinha, não tenho o dia todo pra esperar”. Também os alunos V, J e T falaram-me de uma mulher de etnia alemã, que mora em uma rua perto de seu bairro que não gostava que eles sequer brincassem ou passassem de bicicleta em frente a sua casa, disseram que ela os chamava de apelidos preconceituosos e que em certa ocasião chegou até a ameaçá-los com uma vassoura, confesso que fiquei bastante constrangida com a situação de ver seres tão pequenos ainda vítimas de tanto preconceito, racismo e desamor. Então, perguntei por que não reclamaram ou contaram para alguém desses fatos que ocorreram, os alunos me responderam que não adiantaria de nada, e seria ainda pior, pois quem garantiria que estes seriam punidos e depois ainda poderia ficar ruim para eles futuramente, pois são obrigados a utilizar o escolar todos os dias, bem como passar em frente à casa da tal senhora.

Mas o preconceito não se faz presente somente entre raças distintas, também entre eles o preconceito se faz presente, pois alguns por serem de união interétnicas, e por este motivo serem mais claros que os outros se acham superiores aos colegas por causa da cor de sua pele. Então a convivência, muitas vezes, fica um pouco difícil, pois por qualquer motivo começam as trocas de apelidos nada agradáveis.

Então, a partir de tantas dificuldades enfrentadas por meus alunos, soube desde o início quando comecei a trabalhar com uma turma de 4º ano, turma com a qual não estava habituada, pois sempre fui alfabetizadora, sabia que deveria ser diferente, então observei que meus alunos necessitavam de uma educação diferenciada, com atividades voltadas a sua identidade e que elevasse sua autoestima, já que a pobreza por si só já é um estigma, imagine ser também negro em uma sociedade que repele o diferente. A partir daí

conscientizei-me das dificuldades existentes e realizei meu estágio da forma como sempre trabalhei, visando à aprendizagem de meus alunos acima de tudo, porém valorizando seus hábitos e costumes, bem como sua experiência de vida e por que não dizer uma educação que valorize a simplicidade das coisas em que eles acreditam. Desta forma procurei sempre intermediar para que meus alunos conheçam e saibam da importância que eles têm na sociedade onde vivem, mesmo que se sintam discriminados e excluídos eles devem ter consciência que são capazes como qualquer outra pessoa de classe ou raça diferente da sua, de fazerem de seu próprio futuro cheio de conquistas e realizações positivas.

Por isso mesmo ao iniciar meu estágio tinha em mente falar sobre a afrodescendência de meus alunos, para com isso aumentar sua autoestima, então resolvi que começaríamos fazendo a árvore genealógica de cada um. No entanto, através de uma pesquisa que dei para fazerem em casa a respeito da origem de seus antepassados, percebi que seus pais relutaram em ajudá-los a responder as perguntas pertinentes à atividade. Através desta atitude por parte dos pais, percebi que a negação da origem já vinha com os alunos de casa. Quase todos disseram não conhecer as histórias da família, de como os antepassados viviam, onde moravam, como se estabeleceram e se constituíram como grupo social na região. Enfim, nunca ocorreu um resgate de sua origem, não resgataram sua origem e nem passaram isso a seus filhos. Diante dessa dificuldade, realizamos outras atividades a fim de promover a valorização da origem étnica dos meus alunos.

CAPÍTULO 3

A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRICANA PROMOVENDO O AUMENTO DA AUTOESTIMA

“Cultura negra na sala de aula: Pode um cantinho de africanidade elevar a autoestima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas”. (ALGARVE, 2004, p.1)

A partir da presente leitura reforcei em mim a concepção do quão é importante a valorização da cultura africana em sala de aula, pois existem várias formas de se chegar a um resultado satisfatório e compensador, as atividades de pesquisa, entrevistas, escritas e lúdicas relacionadas ao tema, com certeza promoveram nos alunos o conhecimento sobre as raízes africanas da cultura brasileira e sobre a África. Neste texto de dissertação a autora Valéria Aparecida fala da prática vivida em sala de aula com alunos negros e brancos, das atividades realizadas e de como eram os alunos antes e depois de conhecerem a história e a cultura da África e dos afrodescendentes, estas atividades no seu trabalho de mestrado tiveram como objetivos elevar a autoestima das crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas combatendo desta forma o racismo e a discriminação.

No resumo de seu trabalho ela nos fala sobre o que objetiva no mesmo:

Analisar as concepções de crianças brancas e negras frente aos negros e sua cultura; analisar as características de um trabalho que visa combater racismo e as discriminações, tendo como ponto de partida um Cantinho de Africanidades. Através dele se buscará analisar as diferentes experiências das crianças, da professora e da família, identificando e descrevendo as contribuições das atividades desenvolvidas em função da educação das relações étnico raciais, para relações positivas entre crianças brancas e negras. (ALGARVE, 2004, p.1)

Também em seu trabalho de pesquisa ela conta sobre a forma como foram expostas as atividades, bem como fala sobre o resultado obtido através das mesmas.

Criou-se na escola estudada um Cantinho de Africanidades, com um espaço material que foi a exposição permanente de objetos que retrataram a cultura e a história dos negros, mas também com uma parte que se constituiu das relações das crianças com objetos, com textos, e, sobretudo, com as outras crianças. Várias atividades foram desenvolvidas, durante o ano letivo, retratando a cultura e a história do povo negro, seja em África, no Brasil ou na diáspora.

Houve melhora considerável no relacionamento das crianças brancas e negras; houve aceitação das crianças negras, que antes não se assumiam como tal; as crianças brancas entenderam que podem existir culturas diferentes da sua e tão interessantes quanto e, finalmente, houve aumento na autoestima das crianças negras no momento que se perceberam integrantes de uma cultura valorizada. (ALGARVE, 2004, p.1)

A autora da dissertação acima, utilizando-se das formas que achou ser pertinente para a aprendizagem das crianças, conseguiu um resultado favorável quanto à amortização do preconceito, da discriminação e da baixa autoestima que existia dentro da sala de aula onde o trabalho de pesquisa foi realizado.

Assim como a autora, também tive como objetivo amenizar conflitos em sala de aula como o preconceito e a baixa autoestima, então iniciei o meu estágio focalizando principalmente na afrodescendência de meus alunos. No entanto, percebi que eles não demonstravam muito interesse pelo assunto, talvez por sentirem o preconceito muito próximo, já que este existia até dentro da sala de aula entre eles mesmos. O fato do preconceito entre eles se mostrar tão evidente levou-me então a incorporar outro tema ao já existente, este me possibilitaria retomar o tema da afrodescendência novamente.

Passei então a trabalhar a Copa na África do Sul, para mim era um meio de mostrar suas raízes de forma mais branda e agradável usando o futebol, um esporte que eles adoram, este seria então o veículo para abordar a questão de sua raça. Então surge a pergunta da aluna E: “É verdade que os negros vieram da África?” Respondi que sim, que vieram de vários lugares da África, e que como eu já havia dito em outra aula, no dia do índio, apenas os índios moravam no Brasil até o seu "descobrimento", e os outros povos, portugueses, italianos, espanhóis e negros, cada um tinha seu país de origem

antes de virem para cá, então todos se mostraram bastante curiosos sobre a origem dos negros, e se eu poderia contar mais sobre isso. Combinamos então de nos aprofundarmos mais no assunto, através de atividades, textos e pesquisas, portanto, a partir deste dia demos início às nossas atividades. Falei a eles sobre a África e de como viviam os africanos antes da chegada dos escravagistas, com a ajuda de um texto pudemos debater e conversar sobre os negros africanos, aos reinos que pertenciam, sobre as diferentes línguas e dialetos que falavam, sobre seus utensílios domésticos, suas vestimentas, sua habilidade em fabricar ferramentas, enfim sobre toda uma cultura e uma sociedade organizada que já existia antes da chegada dos europeus.

[...] inexistente [no Plano Nacional da Educação] qualquer preocupação quanto à preparação dos professores, seja da educação infantil ou fundamental, para lidarem com conteúdos mínimos, tais como a diversidade humana, ou o fato de que a primeira representação que a criança negra tem de si na escola a projeta como escrava, sujeito passivo da história, escravizada e, num ato de indulgência dos brancos, libertada. Não há feitos gloriosos dos seus antepassados, não há heróis negros, a religião dos negros é tratada como fetiche, a semântica da palavra negro ou preto é empregada como sinônimo de algo ruim, depreciativo; não se estuda história da África e, quando aparece alguma representação da África no presente, ela não consegue fugir dos limites de uma grande selva, povoada por homens trajando tanga e segurando lanças, elefantes, leões e zebras (SILVA JR., 2002, p. 68).

Gradativamente, o aprofundamento no tema foi aumentando, tomamos os globos terrestres da escola e eles começaram a manipulá-lo, foi muito importante esta atividade geográfica, pois propiciou aos alunos a apropriação de conceitos concretos relacionados à atividade, tiveram a oportunidade de ver o quão imenso é o continente africano, com seus países, inclusive a África do Sul, identificar e relacionar o percurso África X Brasil, visualizando o caminho percorrido pelos navios negreiros da África até o Brasil.

Achei muito interessante a forma como eles olhavam para o globo, pois bem no início do ano durante uma aula de geografia quando mostrei a "terra" a eles, disseram não acreditar que ficássemos todos nela sem cair, então antes de partirmos para as atividades previstas para este dia, primeiro manipularam e satisfizeram sua curiosidade, ficando à vontade para manusear e fazer as perguntas que se originaram a partir daí. Esta atividade foi muito importante, já

que possibilitou uma aprendizagem concreta quanto à localização do continente africano e a África do Sul, país que sediou a Copa do mundo deste ano. Devo salientar que a ludicidade deste tema “Copa”, foi imprescindível para a obtenção do interesse deles em aprender, pois foi por seu intermédio que as atividades tornaram-se mais lúdicas e interessantes.

Criamos em nossa sala de aula um espaço para colocarmos as atividades, a parede à direita do quadro. Lá, então, era onde ficavam expostos os trabalhos dos alunos relacionados à cultura africana intermediado com o assunto do momento: a Copa do Mundo na África do Sul. Eram atividades escritas feitas pelos alunos, atividades artísticas como o desenho do mascote da Copa Zakumi, da bandeira da África e do Brasil, atividades de pesquisa, máscaras feitas pelos alunos, um campo de futebol que foi feito em uma placa de isopor pintada com têmpera e depois os jogadores confeccionados com massinha de modelar feito com a própria criatividade deles.

No caso da confecção das máscaras usaram sua imaginação e criaram as máscaras seguindo um pouco do que aprenderam sobre a arte africana de se utilizar desta transformação. Todos levaram alguns materiais para a escola como: tampas de garrafa, retalhos de tecidos, retalhos EVA, conchas, etc. Estes materiais serviram para que as máscaras ficassem bem criativas. Antes da atividade de elaboração das máscaras, levei os alunos até a biblioteca para que vissem as máscaras na televisão, assim observaram melhor os detalhes para após colocá-los em prática nas máscaras que fariam.

Eles ficaram muito orgulhosos de suas obras e não cansavam de admirá-las, depois tiveram a oportunidade de usar suas máscaras e criar uma história que descrevesse algum ritual ou comemoração para seu uso. Já que eles conheciam o porquê do uso de máscara na cultura africana, e também haviam confeccionado sua própria máscara, desta forma produziram textos muito interessantes.

CAPÍTULO 4

A COR DA PELE NÃO NOS FAZ MELHORES OU PIORES DO QUE OS OUTROS

No livro “Felicidade não tem cor” de Júlio Emílio Bráz, Fael era um menino negro que vivia sendo ridicularizado pelos amigos por causa da cor de sua pele. Ele ficava muito aborrecido com os racistas que existiam em sua sala de aula. Solitário e triste, com tantos apelidos, ele então busca a ajuda de uma amiga, com a qual ele desabafa seus problemas e suas angústias, uma boneca negra chamada Maria Mariô, é com ela que Fael compartilha seus segredos e fala de seus sonhos e suas angústias, estas oriundas do preconceito do qual é vítima todos os dias.

Um dia, ele decide ir a uma rádio chamada “Roda-Viva” para perguntar ao locutor o endereço do Michael Jackson, para saber como ele tinha ficado branco... A partir daí o locutor Cid Bandalheira vai ensinar a Fael que para ser feliz não importa se você é negro, branco, magro, gordo, incapacitado fisicamente, etc. E Fael, a partir da conversa que tem com o locutor entende que não se pode dar asas ao preconceito e desiste da sua ideia. Passa a aceitar-se, desvia suas energias para coisas mais gratificantes e assim sente-se mais feliz.

Como o menino Fael, personagem da história resumida acima, escrita por Bráz, também meus alunos foram e são constantemente vítimas de preconceitos e estigmas, que desestabilizam sua autoestima e seu amor próprio, porém como são crianças alegres e meigas terminam sempre por dar a volta por cima.

Minhas alunas, por exemplo, estão sempre de cabelos presos bem apertados rente à cabeça, então em uma determinada ocasião perguntei a elas por que não andavam com os cabelos soltos, comentei que achava bonitos os

cabelos crespos e que elas deviam experimentar um novo penteado, como a aluna E, que usava umas contas coloridas no cabelo. Elas, então, me olharam meio desconfiadas perguntando-me se era verdade que eu achava bonito os cabelos soltos e com as bolinhas coloridas, respondi que sim que poderiam variar às vezes, ao invés de estarem sempre com os cabelos preso em coques ou feito só em trancinhas, senti que ficaram mais confiantes e alguns dias depois a aluna A. apareceu na escola com seus cabelos soltos, elogiei sua atitude e sua nova aparência, percebi sua satisfação com o novo estilo ao vê-la volta e meia passando as mãos nos cabelos em um gesto de vaidade, penso que o motivo de manterem os cabelos sempre presos deve-se ao fato de temerem o deboche dos colegas da escola, medo de serem vítimas do preconceito por causa das características raciais de seus cabelos. Assim tentei resgatar em minhas alunas a valorização de suas peculiaridades raciais.

Nesse sentido, Rodrigues (1999, p. 26), nos fala: “Aquilo que não quero ser é parte ‘inabstraível’ do que sou, aquilo que uma sociedade renega é intimamente integrante de si”. Durante uma semana realizei diariamente a leitura do livro infantil de Júlio Emílio Braz “Felicidade não tem cor”, tive como objetivo depois da leitura, realizar uma roda de conversa a respeito do tema do mesmo, procurando promover a discussão sobre a identidade étnica de meus alunos, utilizando a forma carinhosa como o autor trata o tema do preconceito e da baixa autoestima dentro do drama vivido pelos personagens da boneca Maria Mariô e o menino Fael.

Desta forma no último dia quando foi concluída a leitura nos sentamos em círculo e começamos a conversar sobre a história, incentivei-os a expressarem-se observando como se sentiam e usei o momento para retomar alguns pontos trabalhados durante o estágio, como a importância da cultura afro na religião, música, culinária, enfim reforcei as coisas bonitas, criativas e interessantes dos costumes deste povo, propiciando um momento para a obtenção de uma nova visão sobre o que é ser negro e sobre a importante colaboração destes para a formação do povo brasileiro. Eles recordaram as atividades que realizamos, como quando fomos para o campo e brincamos de roda de capoeira, e de como se divertiram ao praticar este esporte tão

expressivo da cultura do povo africano, lembraram ainda da criatividade utilizadas pelos africanos na confecção de suas máscaras, e de como foi divertido e prazeroso quando eles mesmos tiveram a oportunidade de criar as suas próprias durante a aula de artes.

Por conseguinte, retomando o assunto de nossa roda de conversa perguntei a eles o que acharam da história e o que mais lhes chamou a atenção, todos responderam que acharam muito legal, pois se sentiram representados no livro através do personagem Rafael, perguntaram-me sobre o autor do livro como ele era: se era negro como eles e onde morava, a partir desta pergunta achei pertinente falar um pouco a respeito de Júlio Emílio Braz, assim lhes contei que ele era negro, tinha 34 anos, morava no Rio de Janeiro e que durante sua vida havia tido muitas profissões: tinha sido jornalista, boy, empregado de supermercado e gerente de retífica, até começar a escrever lá por 1980. Mostrei a eles a foto do autor, e disseram que se parecia com o colega T, deu pra perceber que meu aluno ficou muito envaidecido com a comparação feita pelos colegas pela expressão de satisfação que tomou conta de sua feição. Este momento foi muito importante para todos, alguém que um dia foi humilde como eles, também alguém de origem afro que deu a volta por cima, que é importante e referência na sociedade. Disseram que gostaram muito da redação que o menino havia escrito, na qual dizia querer ser branco e ir em busca do Michael Jackson para tal.

Eu queria ser branco. Se eu fosse branco, ia ser diferente. Todo mundo ia gostar da gente. Eu já falei pro meu pai que o Michael Jackson sabe como a gente faz isso. Papai achou engraçado. A mãe também. Disse que Michael Jackson é bobo e chato, mas eu não acho ele bobo e chato, não. Ele foi é sabido. Agora que ele é branco todo mundo gosta dele. Nem implica com a gente. Ninguém diz coisa feia pra gente. Como é que a gente fica branco? Vou perguntar ao Cid Bandalheira. Ele tem um programa na Rádio Roda Viva e só toca Michael Jackson. Ele até já deu o endereço do Michael Jackson pra gente, mas eu perdi. Vou pedir pra ele de novo. Eu quero ser branco. (BRAZ, 2002, p.9-10)

Questionei-os sobre o fato de o personagem querer ser branco e do que eles achavam disso, responderam com unanimidade gostarem de ser negros, e que o Michael Jackson mesmo tendo se tornado branco não tinha sido feliz, e que preferiam ele quando ainda era negro, pois era mais bonito e

que nada em sua vida havia mudado a partir desta transformação. Achei lindo que ainda ressaltaram que o importante é como somos por dentro, nossos valores morais, nossas qualidades, aptidões, se somos bons, educados, tratamos bem as pessoas. Fiquei muito feliz e foi muito gratificante ver meus alunos argumentando sobre a importância do caráter de uma pessoa e do valor inerente que existe em cada um, como no caso do Michael Jackson, que o aluno J.V disse que se pudesse ter falado com ele teria era perguntado como fazia pra dançar tão bem e mexer com os pés e as pernas daquela forma como só ele sabia. Lembrei-os então da ginga e do ritmo que é muito peculiar nos negros e que talvez por isso Michael Jackson fosse tão bom na arte de cantar e dançar.

Conclusão

Gostaria de concluir meu trabalho salientando a importância da escola possuir um projeto sobre cultura afrodescendente, já que no meu caso necessitei muito de um projeto que me auxiliasse e me guiasse nos temas que teria que desenvolver em sala de aula com meus alunos, no entanto, em nossa escola não existe tal projeto. Creio que na escola em que trabalho a criação de um projeto direcionado a cultura afrodescendente se faz muito mais importante, visto que a maioria dos alunos da escola são afro-brasileiros, creio que em torno de 80% dos alunos o sejam.

Ao dar início ao meu estágio focalizando neste tema, já que o fato da afrodescendência de meus alunos é para mim motivo de muitos trabalhos ao longo deste curso de pedagogia, pois acredito que se temos em nossa sala anos após ano, uma grande maioria de alunos de certa etnia, então temos que trabalhar de acordo com o que nossa realidade exige, não temos como ficar indiferentes e fingir que a situação não existe, ela existe e é necessário que seja debatida, questionada, estudada e conhecida pelos alunos e professores.

Bem sei que fui eu a primeira em nossa escola a abordar tão a fundo esta questão em sala de aula, tentando quebrar barreiras para que pudesse ter meu trabalho desenvolvido com qualidade, já que a questão é difícil, pela falta de subsídios para serem trabalhados, pelo medo de levantar conflitos e intrigas na comunidade e até mesmo pela ignorância que nós, professores, temos a respeito do assunto, que está às portas de nossa escola e que mesmo assim nos é apresentado como uma incógnita, visto que não nos prepararam e que também não buscamos nos preparar para conhecê-lo da forma como merece ser conhecido.

É flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para relacionarem com os alunos negros evidencia, também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar.

Interagem com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades (CAVALLEIRO, 2000, p. 35).

Isso deve-se ao fato de convivermos em uma sociedade onde muitos apresentam um comportamento racista e preconceituoso, onde tudo “está bem como está”. Acredito que está também em nossas mãos, e nós, professores, temos que fazer a nossa parte elevando a autoestima de nossos alunos afrodescendentes, pois trata-se também da nossa história, da história de pessoas valorosas e guerreiras que durante todos esses anos só tem adicionado multiculturalidade ao nosso Brasil.

Concluo este trabalho observando a importância que teve para mim o estágio, com o trabalho sobre o resgate da afrodescendência de meus alunos, bem como da história do povo negro, obtive com eles muitas aprendizagens, porém as principais são que devo conhecer melhor meus alunos para entendê-los, e que não se pode ensinar algo sem que seja realmente do interesse dos alunos, que tenho que ser forte e passar para os meus alunos essa força, mostrar para eles que não devemos desistir de nossos sonhos, mesmo que para isso tenhamos que lutar muito, e que todos nós somos importantes e que temos em nossas mãos a oportunidade de fazer alguma coisa boa, útil e valorosa tanto por nós quanto para os outros.

Sei que com o trabalho desenvolvido o problema do racismo não foi totalmente superado e que sozinha não vou conseguir extingui-lo, visto que é um trabalho contínuo e exige esforço de todos, da comunidade escolar, da família, enfim da sociedade como um todo, mas tenho certeza que o meu objetivo, o qual havia almejado desde o início, foi alcançado, que meus alunos sentissem orgulho de sua raça, tivessem sua autoestima elevada e percebessem que para serem felizes precisam gostar de sua cor e aceitarem-se como negros. Terem a convicção que eles, como qualquer pessoa de outra raça, tem seus direitos garantidos por lei, e estes devem ser respeitados onde quer que estejam, pois todos são iguais, perante a lei tanto dos homens quanto de Deus.

Pois como nos fala Bráz em seu livro Felicidade não tem cor, “Gente é gente! Não importa a raça ou a cor! E todos devem ter seu lugar neste mundo.” (BRAZ, 1999, p.63).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGARVE, Valéria Aparecida. **Cultura Negra na Sala de Aula: pode um Cantinho de Africanidades elevar a autoestima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** UFSCar, 2004.

BRÁZ, Júlio Emílio. **Felicidade não tem cor.** Coleção Girassol. São Paulo: Moderna, 1994.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil.** São Paulo, Summus, 2000.

ITANI, Alice. Vivendo o preconceito em sala de aula, In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.) **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Sumus, 1998.

LEI N° 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
SILVA JR., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais.** Brasília: UNESCO, 2002.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

VALENTIM, Rute Martins; BACKES José Licínio. **A Lei 10.639/03 e a Educação ÉtnicoCultural/Racial: Reflexões Sobre Novos Sentidos Na Escola.** 2006. Disponível: <http://www.neppi.org/eventos.php>. Consulta em: 15/11/2010.

<http://peadportfolio164280.blogspot.com/>

ANEXOS

Atividades de Artes



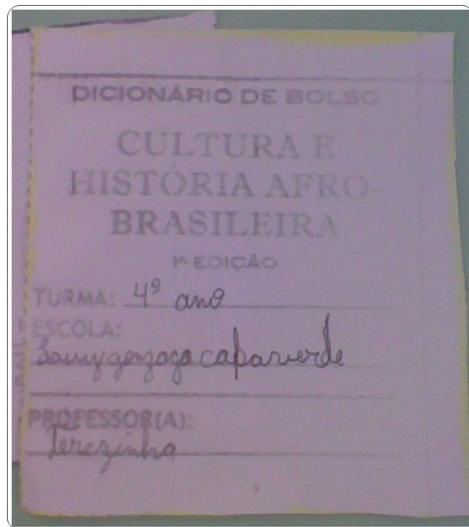
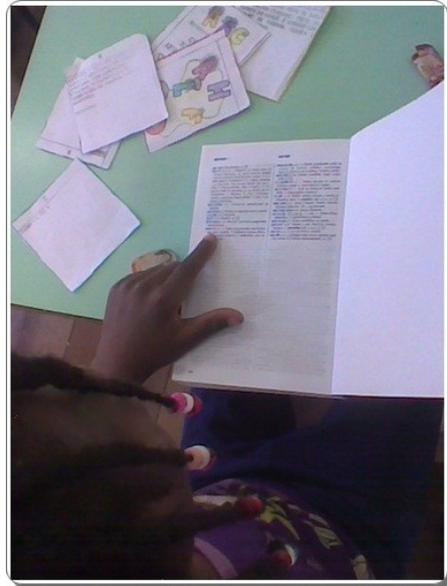
ANEXOS

Algumas atividades de Educação Física



ANEXOS

Atividades de Língua Portuguesa



Escreva uma história a partir do desenho.



Africanos da caçula.

Os africanos vivem, eu acredito, dentro de nós, e por isso:

... cantamos um pouco para nós mesmos, escovamos os dentes cantando porque quem canta seu mal afasta!

Logo, cada período final começa, depois disso, todos os negros africanos começam, todos eles, mesmo depois que começa a caçada. Eles cantam muito. E a caça toda vai embora. E depois disso tudo a lembrança e o lema deles é esse:

- Olha mais coisas no céu.

A caça vai acabar porque os grupos de canto começam. Depois de um ano chegou de novo.

A dança final depois começa a caça.

Chega um negro africano chegou a dizer:

- Apalme a tua de caça. Todos foram felizes!

ANEXOS

Atividades de Estudos Sociais

